

As conversas de Gros nos EUA. Cercadas de muito sigilo.

Uma fonte bancária em Nova York disse ao **Jornal da Tarde**, ontem, que o presidente do Banco Central, Francisco Gros, "está tentando convencer os bancos credores a considerar como prorrogado o convênio firmado no ano passado para a renegociação da dívida, vencendo agora em 30 de março".

O porta-voz do Citibank para o comitê dos credores do Brasil não quis comentar esta informação. Procurado durante o dia todo, não divulgou nenhum detalhe, também, sobre o encontro entre o presidente do Banco Central e cinco bancos credores, em Nova York.

A passagem de Gros pelos Estados Unidos foi cercada de muito sigilo — tanto que nem se podia confirmar, ontem à noite, se ele estava realmente vol-

tando para o Brasil, como se dizia. O gerente do Banco do Brasil, Joaquim Amaro, preparava-se, no entanto, para levar "o filho" ao aeroporto, recusando-se assim a receber, mesmo que por telefone, algum repórter brasileiro. O filho, no caso, seria o próprio Gros.

"Não vi o homem" — lamentava uma telefonista do Banco do Brasil. "Antes, até o Bracher, todos faziam o ponto aqui." Mas o presidente do Banco Central foi visto entrando no Banco do Brasil. Sua presença foi registrada por câmeras atentas de televisão, na manhã de ontem. Ninguém o viu sair, entretanto, e ainda é um mistério como ele foi aparecer na sede do Citibank já no final da tarde.

Os gerentes das sucursais de ban-

cos brasileiros foram mantidos à margem da passagem de Gros por Nova York — eles, que habitualmente seriam os primeiros a receber um convite para um encontro.

Francisco Gros passou por Nova York para renegociar as linhas de crédito de curto prazo — a comercial, que financia as exportações brasileiras, num total de 10 bilhões de dólares, e a interbancária, que sustenta as agências de bancos brasileiros no Exterior, num total de cinco bilhões de dólares. A expectativa, no meio credor de Nova York, era de que Gros ouviria muita reclamação. E que teria que apresentar argumentos para aplacar a fúria do comitê de assessoramento dos credores brasileiros.

Mas pouco se soube do que aconteceu, nesta primeira visita do presidente do Banco Central aos Estados Unidos, qualificada como sendo "inicial", na medida em que ele deverá voltar até o final do mês, quando participaria de uma reunião do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

A fonte, que informou ao **Jornal da Tarde** que Gros tenta prorrogar o convênio do ano passado, ainda acrescentou: "Se não for este o objetivo e se chegarmos ao fim do mês sem novidades, não haverá mais nenhum comprometimento de parte a parte, no que tange ao rescalonamento da dívida brasileira".

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**